

O HERALDO

Editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS"

Administração e Impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

COISAS POLITICAS

Tocam a finados em volta do governo. Este, porem, resiste heroicamente, na certeza fatal de que uma queda, n'esta altura, será uma ruina sem reabilitação.

A questão dos sanatorios da Madeira, parece estar abafada no Parlamento, por enquanto. Mas o escandalo continuou a ser debatido na imprensa, com mais violencia ainda, tendo sido posta a descoberto a meada toda com que a internacional quadrilha tencionava saquear a Madeira.

O governo, com o pretexto de complicações diplomaticas, recusou-se a admitir o inquérito parlamentar, para a apuração de todas as responsabilidades e descoberta de todos os culpados.

Mu pretexto e péssima orientação.

O receio d'essas complicações seria uma cobardia sem nome e uma falta imperduavel de patriotismo. Portugal não está, nem precisa de estar, hoje, á mercê de quem quer que seja, com o temor de que uma esquadra mais poderosa venha bombardear Lisboa. Hoje temos uma situação internacional, definida e desembaraçada, pelo imperio colonial que soubemos manter e engrandecer, pela situação geographica do nosso paiz e pelo logar que temos conquistado, de cabeça erguida, entre as primeiras nações europeias.

Imposições diplomaticas, não as devemos, pois, temer nem recetar em caso algum, quando mais tratando-se de quadrilhas como essa que pretendia infestar a Madeira. Se as formulassem, teriamos de as repellir com orgulho e nobreza. Nunca, mostrar-lhes temor ou receio.

O velho principio de que—*la force peme le droit*—já hoje ninguém o ousa brandir ostensivamente. E mesmo que assim não fosse, são frequentes os exemplos de que a razão e o direito revestem os mais fracos de uma couraça invencível. Contra a razão e contra o patriotismo de um povo, por minusculo que seja, não ha espadas que prevaleçam nem canhões que se tornem invulneráveis.

Houvesse, pois, o que houvesse, o governo tinha o dever de ir para a frente, defendendo os interesses do paiz.

Mas nada havia. O pretexto das complicações diplomaticas — que pode ainda trazer surpresas sensacionais—foi apenas um manto com que o governo se acobertou, para evitar complicações... politicas. Sabia elle que no inquerito parlamentar encontraria, no dizer de um nosso collega, o caixão de madeira pôdre que lhe receberia os restos mortaes. Era preciso, pois, recorrer a um expediente salvador. Recorreu aos mysterios da diplomacia...

Mas, de resto, nem os expedientes o salvam. O governo tinha já,

para resolver, varios conflictos por suas proprias mãos provocados: os adeantamentos á casa real, a questão dos vinhos, a ameaça do resurgimento da questão dos tabacos, a lei de imprensa, o escandalo dos sanatorios e outros de menos vulto. Pois agora foi provocar ainda um outro, com os officiaes da marinha de guerra, que já publicamente manifestaram o seu descontentamento e a sua reprovação a um projecto de lei muito recente.

O facto é grave e dispensa comentários.

Quanto á questão dos vinhos, cada vez se complica e enreda mais. No Douro, que marchava unido e forte, creou a scisão e a desharmonia. No centro e no sul do paiz levantou um movimento de protesto que está assumindo proporções graves, vendo-se o governo já na necessidade triste de demittir os seus administradores, em varios concelhos, por elles não quererem ou não poderem impedir as manifestações populares.

Em Alemquer, o povo dirigiu-se em massa aos Paços do Concelho, onde viu o celebre discurso do chefe do governo, mandado affixar por esse paiz fóra. Arrancou o das paredes, trouxe-o para a praça publica, e alli, entre vivas á republica e outros protestos, pisou o e queimou-o.

São estes os tristes resultados da obra do governo. Não sabemos se estes factos, que todos os jornaes narram, são conhecidos de el-rei, que presentemente se vê assediado com viagens para varias de suas quintas e com visitas régias. Mas se ao Paço não chegam estes clamores, nem por isso elles deixam de ser menos graves e temerosos.

Todos nós, os que defendemos os interesses do paiz, todos os que batalhamos pelas prosperidades da patria e pela honra da nação, temos o dever de não deixar cahir sobre a monarchia os erros que só pertencem aos governos.

O chefe do governo actual disse ha dias na Camara Municipal de Lisboa, em um d'aquelles seus arrebatamentos inconscientes:

—«Peores do que os povos mal governados, são aquellos que se deixam governar mal.»

Profunda verdade. E' por isso que o paiz, protestando contra o governo, está a provar que não quer ser governado mal. Não quer e não ha de ser.

DR. JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO
Vindo de Lisboa chegou na quinta feira a Tavira e retirou na tarde immediata para aquella capital o nosso prezado amigo sr. dr. José Francisco Teixeira d'Azevedo, antigo deputado ás côrtes pelo Algarve e digno 1.º official da segunda repartição de instrução publica no ministerio do reino.

A sua despedida recorda-nos ter visto na *garç* do caminho de ferro os srs. Joaquim Thomaz Pires Correia d'Azevedo, Jacintho da Cunha Parreira, dr. Antonio Francisco de Sousa, capitão João

Estevão Aguas, capitão Francisco da Luz Cesar Ribeiro, Antonio Xavier da Trindade, Felix d'Amaral, Leopoldino Augusto Pires, Antonio de Deus Pinto d'Almeida, Alvaro Mendes Torres, José Silverio Capella Almodovar, capellão José Joaquim Simões Junior, José Joaquim Cordeiro Peres, João Jacintho das Dores, Carlos José Gomes, Joaquim Baptista Falleiro, Antonio Augusto Soares, José Manoel Rodrigues Centeno, dr. Simões da Costa e Antonio Santos.

JUIZES SUBSTITUTOS

Foram nomeados para servirem no corrente anno, e segundo a ordem das suas nomeações, os cargos de substitutos dos juizes de direito das comarcas abaixo designadas, os individuos seguintes:

Albufeira: José Bernardino de Carvalho, Joaquim José de Sousa. José Crysostomo Pereira de Paiva, Bernardino Matheus Loureiro.

Faro: Manoel Aguedo Gomes de Miranda, Alexandre Maria Ortigão de Carvalho, Jayme de Castro Barrot, Agostinho Ferreira Chaves Leal.

Lagos: Francisco José de Sousa Cintra, José Marcelino Valarinho, João Luis Bramão Coelho, Francisco José Pacheco.

Loulé: Luiz de Albuquerque Rebello, Raymundo Maldonado Pires, Francisco Xavier de Athayde Oliveira, José da Costa Mealha.

Monchique: José Joaquim Aguas, João Gregorio de Figueiredo Mascarenhas, Manoel Moreira da Silva, Manoel Lopes Garcia Reis.

Olhão: Thomaz de Aquino Leonardo, Manoel Rodrigues Portuguez, Pedro Alexandrino Freire Pires, Joaquim Antonio da Fonseca.

Tavira: Luiz Augusto Camacho Sabbo, Luiz Augusto Victor Xavier da Silva, Sebastião Estacio Tello, Francisco José Marques Freire.

Villa Nova de Portimão: Francisco Bivar Weinholtz, Camillo Antonio d'Azevedo, Luiz Fialho de Alvellos, Joaquim Gualdino Pires.

Villa Real de Santo Antonio: Conselheiro Frederico Alexandrino Garcia Ramires, Antonio Soares Barreto, Antonio Gil Madeira, Jacintho José de Andrade.

A COLLIGAÇÃO

Em plena quaresma um subscriptor do *Heraldo*, em missiva sem rescendencias a *oppoñonax* mas com todo o fidalgo requinte de imerecida amabilidade roga lhe digamos «o que é feito da decantada *colligação* n'este reino do Algarve.»

Por amaveis que queiramos ser — e esse era o nosso desejo porque amor com amor é pago segundo o velho rifão que a *Virtude Triunphante* ainda não logrou aluir — impossível nos é. Ignoramos o paradeiro de D. Colligação. Mas se para Silves, Faro, Villa Real o amavel subscriptor do *Heraldo* se dirigir a algum seu patricio é natural que a sua vontade seja satisfeita.

Experimente. E, já agora um favor, por igual, lhe pedimos: é que logo após nos dê noticias da desaparecida.

GREMIO TAVIRENSE

Consta-nos estarem ultimadas, com bom resultado, as negociações encetadas pela actual direcção do *Gremio Tavirense* para a compra da casa onde o mesmo está installado na rua Nova Grande, d'esta cidade.

O milagre de Santo Antonio

(DE SÉVERINE)

Ha dias, desaparecen, da cathedral de Padua, uma reliquia preciosissima: o corpo embalsamado de Santo Antonio. Encontraram-no sob o arvoredor, num bosque visinho; mas a tunica soberba, bordada a ouro e guarnecida de perolas, tinha desaparecido.

Jornaes de 9 de setembro.

—Santo Antonio!

—Senhor?—respondeu um velho alquebrado, coberto de pelles de animaes e arrimado a um bordão.

—Não é contigo, meu bom cenobita, replicou paternalmente a voz, é com o outro...

Na margem de um murmuro regato passeava um bello monge. Alegre como são sempre os portuguezes, exuberante como são por vezes os meridionaes, gesticulava, como se pregasse ao espaço, o bom do monge.

Maravilhados, — a bocca aberta —ouvindo tão miraculosa eloquencia, innumerados peixes emergiam da agua clara...

—Santo Antonio! Santo Antonio!

Deteve-se o pregador e, crusando os braços curvou-se, reverente.

—Senhor!

—Escuta.

A Virgem parára o seu tear de lançadeiras de ouro; são José cessou de bater; qual brisa que se afasta, o som do órgão expirou, sob os dedos suspensos de santa Cecilia.

Ouviram-se, então, mil clamores. Apezar de muito suavizados pela distancia, distinguim-se perfeitamente, enchendo de tristeza a mansão dos bemaventurados e despertando-lhes a recordação quasi extincta da sua breve passagem pela terra.

—Queridos, não comprehendo, disse santa Edwiges.

—Nem eu! appoiou santo Edulfo.

Santa Ignêz e santa Catharina, porem, tinham-se tornado muito pallidas...

E' que eram em italiano os clamores...

«Temos fome!» disiam uns, temos frio! gritava outros. «Chegou o inverno e nós sem abrigo!» murmuravam muitos.

«Ai!—concluam todos, em unisono—Vamos morrer ao desamparo!» Mas se as supplicas mudavam o final era sempre o mesmo:

«Santo Antonio, ora pro nobis!»

—Correm mal as coisas, em Padua balbuciou santo Antonio, muito consternado.

Alanceavam-no devéras aquellas supplicas, a elle que fóra, quando vivo, a personificação da caridade.

Fôra elle que, para evitar aos fieis o peccado da avaresa, fizera abrir o tumulo de um miseravel mostrando ao povo reunido a pedra que elle tinha em logar do coração.

Este facto inolvidavel é o assumpto do sexto alto relevo da sua capella...

Por tudo isto o bom do santo escutava com extrema desolação o echo longinquo das lamentações da sua bôa cidade... onde, depois de Tolosa, Montpellier e Bolonha, ao vir de Portugal, sua patria, tinha ensinado brilhantemente theologia e onde, a final, morrerá tão joven — trinta e seis annos — em cheiro de santidade.

Havia seis seculos que lá o veneravam, considerando-o e primeiro do Paraiso, depois de Deus.

Que fazer?

O Omnipotenté teve piedade e a sua voz fallou assim:

—Volta para junto d'elles, alma que eu creei immortal. Enclausura-te, de novo, na tua chrysalida, escuta, vê, consola e regressa depois.

—Obrigado, Senhor!
São Pedro abriu a porta... e santo Antonio desceu, sumindo-se na escuridão da noite terrestre.

A igreja está fechada e solitaria. Por detraz do altar, á claridade mortiça de uma lampada que crepita no seu calix de cobre, baloiçando-se na aboboda sob a eterna corrente de ar dos logares consagrados, entre os ex-votos, os milagres, e as offerendas de toda a especie e de toda a natureza, o relicario resplandece.

Lá dentro está a preciosa reliquia. O corpo embalsamado do santo, vestido com uma riquissima tunica que parece feita de luz, tantas são as gemmas que nella scintillam, irisando o ar com os variegados reflexos desprendidos das suas facetas.

O luxo não faz a felicidade. Santo Antonio bem o comprehend... e está triste, sente-se contrafeito dentro da sua bella tunica, pensa, pensa muito, na desventura de quantos veem prostrar a sua miseria perante a riqueza que o adorna...

Ha tres dias que elle está alli. Ha tres dias que, immovel na sua faustuosa sepultura, assiste ao desfilar lamentavel, procurando, em vão, a maneira de consolar, de socorrer tantos afflictos.

São agora impossiveis, n'esta epocha repleta de ideias de descrença, os milagres dos antigos tempos...

Quanto aos meios praticos, tendo morrido em 1231, santo Antonio não conhece pessoa alguma e, pensa, com infinita tristeza, que a cidade deve estar muito mudada.

Todavia, uma tarde, emquanto escutava um pouco distrahidamente as supplicas de um jogador infeliz, mas bom christão, teve uma ideia sublime.

—Grande santo Antonio, dizia elle—livra-me das garras do infame Jerobão, defende-me das suas perseguições!

Tu bem o conheces, meu grande santo Antonio! Aquelle velho judeu da porta Codalunga—na casa dos tres postigos... que o ceo confunda!

E assim lhe viera aquella idéa que a principio repelliu mas que, pouco a pouco, foi acariciando com amôr...

Oh! Era bem arriscada e impraticavel... Mas para alguma coisa lhe havia de servir ter sido, out'ora, um rhetorico afamado.

Decidiu-se finalmente e esperou que ennoitcesse.

Primeiro com as mãos, depois com a frente, santo Antonio ergueu a lage do seu sepulcro com uma força verdadeiramente sobrenatural.

Ei-lo de pé. Vacilla a principio porque perdéra o costume... Mas, a breve trecho sustem-se, firme e n'um instante alcança a entrada do templo deslizando como um phantasma.

Lá fóra, ao luar, Padua dorme profundamente.

O bemaventurado contorna as casas, vae pela sombra, toma pelas ruellas escuras, para que uma traição da lua não denuncie a esplendida tunica em que as perolas se entrecrocavam com as mais rutilantes pedrarias.

Apenas uma patrulha, ao ve-lo,

de longe, gritára—Quem vem lá! —mas santo Antonio lograra escapar-se-lhe, occultando-se em um nicho vazio da sua piedosa effigie. Os soldados passavam, então, o santo exclama:

—Eis a porta Codalunga, eis a casa dos tres postigos! Senhor auxilia-me na minha tarefa!

- Rebecca, ouviste?
- O que?
- Bateram á porta.
- Não!
- Bateram.
- Então vae ver.
- A esta hora!
- Quem será!
- Talvez ladrões!
- Olha, se tens medo, espreita pelo postigo.

Jerobão desceu e seguiu o conselho, espreitando, a medo, pelas grades.

Atraz da porta, santo Antonio, disse-lhe apenas:

—Trago-vos um bom negocio. Os olhos do judeu rebrilharam. Abriu solícito, a porta.

Agora, abancados, um panno da tunica estendido sobre uma mesa, santo Antonio e Jerobão discutem.

O judeu apalpa, verifica e avalia. O santo quer muito dinheiro, o usurario esforça-se para dar-lhe o menos possível.

—Tanto! diz um.

—Mais tanto, diz o outro.

Emfim chegaram a um accordo. Santo Antonio obrigado a fazer concessões por isso mesmo que não podia explicar a proveniencia do objecto que vinha empenhar, nem a extranheza do seu procedimento, consentiu por fim em receber a maxima offerta do filho de Israel.

Terminado o ajuste o bemaventurado formulou a sua ultima exigencia:

—Olha, disse elle, haveis de dar-me aquella velha sotaina que está dependurada n'aquella parede.

—Singular idéa, murmurou o judeu.

—E santo Antonio, baixando pudicamente os olhos.

—Preciso muito d'ella. Esta tunica é o meu unico vestido!

Olhem o bondoso santo! Com que immenso jubilo elle caminha pelas ruas de Padua transportando um grande sacco cheio de dinheiro! Deslizando ao longo dos becos e travessas, sem ruido, entra nas miseraveis casas dos famintos, de põe, sobre a mesa, a sua offerta, esboça um gesto de benção e vae-se embora.

Vae apressado! Muito apressado. Nem podia deixar de ir.

Invocou-o tanta gente, ha tres dias!

E' com muita difficuldade que retém os nomes e moradas de tão numerosa clientella.

Cançado!... O sacco esvasia-se... Elle prosegue na sua faina... Vasio!...

Levado pelo seu zelo, o bom do santo passou as muralhas da cidade e erra, perdido, pelos campos.

De um fosso ergue-se um espectro. E' um velho mendigo que tiritilla, sob o frio da noite.

—Boa alma! Tenho muita fome! Tenho muito frio!

Mais nada! O bemaventurado Antonio não tem mais nada! E o anção está alli, tiritando... Então, consultando o ceo com os olhos, não vendo ainda vislumbres de claridade, certo de ficar vestido pela sombra até voltar á igreja, onde qualquer sobrepelliz o faria pudico, santo Antonio dá quanto lhe resta no mundo: a velha sotaina de Jerobão.

Depois dirige-se para a cidade. Mas as forças abandonam-no, seis seculos de repouso, entorpecem—os joelhos recusam-se-lhe ao serviço; um somno invencível teima em fechar-lhe as palpebras transparentes...

Sob uma moita, no recanto de um bosque, santo Antonio é obrigado a sentar-se e, a breve trecho, adormece na santa paz do Senhor...

Eis como desapareceu a esplendida tunica e porque foi en-

contrado o santo completamente nu.

Haverá incredulos, mas lenda por lenda, eu prefiro esta a qualquer vulgar historia de ladrões... Faro, 2-1907.

LYSTER FRANCO.

CRISE?

Encontrámos esta semana—accaso como és ás vezes consolador!—um encanecido politico que ha muito não lobrigavamos, por mais pesquizas em que nos enredassemos por via d'esta faina ingloria da imprensa. Trocados os cumprimentos d'estylo, vá de palestra. O bom do encanecido politico, já se vé, por mais que nos esforçassemos por derivar a conversa para campo mais ameno, levou-nos de vencia o maganão. E para matar o tempo—como são longas ainda e tediosas estas noites d'inverno de pé no estribo—calcurriando fomos até esse areal em que o encanecido—poderá não!—é um verdadeiro barra.

O que elle nos disse, santo Deus! Tanta cousa, tanta...

Dobou a seu bel-prazer, e se por vezes a bretoeja da paixão lhe empola o relato, de justiça porem é dizer que muitas verdadinhas disse. Citaremos uma, ante o leitor a este momento já verminado pela curiosidade.

—«O governo não vae longe e verá, sr. jornalista, se lhe fallo verdade. Aguarde algum tempo. Os primeiros vagidos foram alentadores e agora na *desmamação* saenos um pimpolho todo recolmeadinho de vícios.»

Não opina o leitor da mesm'arte?

... Sim ou não, o que fazemos votos é para que o encanecido politico, agora que a *grippe* deixou de o adorar, nos appareça mais a miudo. Todos lucramos: o leitor, elle que desabafa e nós que estamparemos aqui os seus modos de ver... que são os de toda a gente.

Appareça! Appareça!

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGADOS

Rua do Ouro, 149, 2.º LISBOA

OPINIÕES SOBRE O CASAMENTO

Um chronista estrangeiro publica as seguintes entrevistas que teve com tres viuvos e outras tantas viuvias:

1.º viuvo—Fui felicissimo com o meu casamento; extraordinariamente feliz... Mas não torno a casar, não quero.

2.º viuvo—Passei uma vida de negro. A minha mulher era uma fera. F já que me livreí d'esta, n'outra não me meito eu...

3.º viuvo—Se não fui muito feliz com o primeiro casamento, com o segundo ainda peor. Como será tolice tentar terceira experiencia, fico-me por aqui...

1.ª viuva—Fui muito feliz com o meu casamento, muito. Os maridos são, afinal, excellentes creaturas... E como posso ser ainda novamente feliz, vou casar outra vez.

2.ª viuva—Dei-me muito mal com o meu primeiro casamento. Mesmo muito mal. Mas como tenho ancia de felicidade, vou ver se encontro um segundo marido que me faça esquecer as diabruras do primeiro.

3.ª viuva—Dei-me mal com o meu primeiro marido, mas o segundo concedeu-me uma excelente compensação. Por isso, vou casar outra vez...

N'este assumpto, limitamo-nos a reproduzir os pensamento alheios...

DR. RODRIGUES DAVIM

Tem passado incommodado de saude, na sua casa de Faro, o advogado e notario d'aquella cidade, sr. dr. Rodrigues Davim, distincto escriptor e antigo collaborador do *Heraldo*.

Entre o capote e o copo

Não desejes tu, leitor amigo, verte na situação miseranda para onde a ironia do acaso me lançou. Situação deveras critica, em vista dos temerosos perigos que me ilaqueiam. Estou entre Scilla e Carybdes!

No presente anno o inverno tem sido muito rigoroso. A temperatura baixou consideravelmente. Esta estação que, no Algarve, era muito suave e que, de inverno, quasi tinha, apenas, o nome, modificou-se profundamente, lembrando as cruas dos climas sptentrionaes, das regiões siberianas. Desencadearam-se ventanias frigidissimas, percutientes como laminas de punhaes a enterrarem-se nas carnes. Cahiram neves abundantes sobre as povoações e os campos, attingindo, nos valles, grande espessura. Uma verdadeira anarchia, attento o regimen normal das zonas temperadas.

Ora imagina, leitor benevolo, qual o meu tormento, durante as longas horas do labor quotidiano, estando entre dois visinhos crudelissimos, sem piedade, nem vislumbre da compaixão, pela minha pesosa uma quadra tão perigosa!

O da direita exhibe-se, envolto num capote descommunal que produz espantos; num capote cuja tela, para se tecer, necessitou talvez dos vellos de duzentos carneiros; num capote de dimensões taes que poderia cobrir uma vasta eira! Tal é a impressão pavorosa do medonho involucro!

Quando o estende, parecem azas de gigantesco morcego. Se o sacco de, desloca grande porção de ar, ocasionando um vendaval desfeito, um terrivel cyclone! Se o ergue, nos potentes braços, intercepta a luz, produzindo caliginosa treva! Se o agita, rebenta medonha tempestade!

Que os seus membros se resguardem, que os seus opulentos tecidos adiposos se agasalhem, que as suas rotundas formas se defendam ás agruras da estação, bem está. Mas transformar um capote num discolo, num desordeiro, a pedir policia, num moínho de vento, numa fabrica de constipações a pedir cordão sanitario, isto é que não pode ser.

O visinho da esquerda é produtor de um supplicio... moral. Na quadra que atravessamos e que, como fica dito excede em cruzeta tudo quanto se tem experimentado, apresenta constantemente um copo monumental, capaz de conter um mar, um copo que successivamente enche de agua frigidissima e emborça, para alimentar provavelmente, no seu vasto estomago, algum notabilissimo viveiro de rans e sapos!

E encharca-se voluptuosamente, gulosamente, como um verdadeiro hydrophilo!

Esta operação repetida, em curtos intervallos, produz calafrios, agrava o mal estar, é um appendice ao inverno.

Muitas vezes descuidado, pensando em diversas cousas, surprehe-me... o copo, crystallino, translucide, colossal, implacavel, cheio a trasbordar, e de um trage desce o seu conteúdo... ao lago interior, provavelmente como o de Constança!

Que sensação de frio, que fundo receio, que tortura produz a visão da desmedida vasilha! E' uma nevada imaginaria, uma avalanche phantastica!

Como desforço, merecia este visinho, se ainda fosse vivo o grande artista, o saudoso Bordallo Pinheiro, a reproducção em barro das Caldas!

Conta-nos a mythologia muitos supplicios infligidos a diversos personagens. Verdadeiras opulencias da imaginação oriental.

O das Donades, precipitadas no Tartaro e condemnadas a encher perpetuamente um tonel sem fundo. O de Prometteu, atado no monte Caucas, onde um abutre lhe devorava as entranhas que, sem cessar, renasciam. O de Sisypho, rolando até ao cume de uma montanha um penedo que, ao chegar ahi, se despenhava até ao fundo do abysmo, onde tinha de ir buscar para continuar este trabalho

sem fim. Ou de Tantalo, ligado pelas furias a uma formosa arvore, carregada de fructos, que vegetava no meio de um lago de aguas limpidas e transparentes, não podendo mitigar a sede, nem saciar a fome, porque a agua lhe fugia dos labios sedentos e os ramos da arvore se levantavam logo que lhes queria tocar.

Mas não são menos dignos de registo os supplicios do capote... e do copo dos meus cruéis visinhos! Faro, 23 de fevereiro de 1907.

Nemo.

IMPURA

O' bacchante gentil d'olhar de fogo, Quando entre a multidão passas, sorrindo, Ebrio d'amor, hei-de seguir-te logo, Preso do encanto do teu corpo lindo.

E tu, vaidosa, velves arrogante Os olhos desleais, ardentes, vivos, Fitando-me a sorrir, por um instante, No goso duns amores fugitivos

E segues sempre imperturbavel, fria, Ao capricho da vil devassidão, Estatua sensual d'estranha orgia, Alma sem amor, corpo sem paixão.

No lupanar do vicio e da desgraça Tu vives ora a rir, ora a chorar, Tendo sempre um sorriso p'ra quem passa, Um beijo de traição ao que o pagar.

Vendo-te, como um lirio abandonado, Digo comigo, ó loira prostituta, Porque serás tu filha do peccado, Não será a tua alma toda impolluta?

Lá porque vendes a qualquer o amor, Talvez em tu exista occultamente A pureza dum anjo, ou duma flor, Viçando a occultas nesse olhar mordente.

Tambem a flor innocente, ao ser colhida, Os labios a profanar com tenoura, Numa vaga ambição incompr'hendida... E contudo a flor fica sempre pura!

A scismar assim olho com tristesa, Com um mixto suave de saudade, Para a punjante e singular belleza Que estragas ao capricho da vaidade!

O' bacchante gentil, quando te vejo Passar na rua, pallida, sorrindo, Sinto nascer-me o sensual desejo De possuir esse teu corpo lindo...

Porque embora tu sejas profanada, Quero satisfazer a aspiração De ver se tu, bacchante, sendo amada, Não terás como as outras, coração!

Coimbra, 8-2-907.

Jayme Cunha.

GAZETA DAS ALDEIAS

Está publicado o n.º 582 d'este importante semanario illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis que ha doze annos se publica no Porto sob a direcção intelligente de Julio Gama. Summario: O açucar chimico, de J. M. de Mello de Mattos; Conservação de fructos, do dr. Julio A. Henriques; As Kniphofias, de Eduardo Sequeira; A Perdiz, de Eduardo Sequeira; A alimentação das abelhas no inverno e os fructos podres, de Eduardo Sequeira; Consultas, Folhetim, Secções e artigos diversos.

Uma das mais importantes secções é a das consultas onde o assignante da *Gazeta* pode informar-se de diversos assumptos agricolas que particularmente lhe interessam. No presente numero ha as seguintes formuladas por diversos assignantes, e sobre as quaes vem a resposta da redacção: Cultura da mostarda, Castas de uvas para o Minho, Residuos de acetyleno, Estrume verde para trigo, Marnagem, Emprego de adubos, Fruteiras seccas em parte, Recio de infecção phylloxerica, Poda de azinheira, Tratamento de vinho doce e termo, Vinho com mau gosto, Cultura em terra Salgada, Vinho turvo, Bombix de pinheiro, Dosar a acidez do azeite, Elevar a força alcoolica do vinho, Vinho travoso, Faval fraco, Seara fraca, Vinho enferujado, Classificação de maçã, Arvores velhas, Exerto de borbulha, Terra para viveiro, Desinfecção de trigo, de M. Rodrigues de Moraes; Sobrecavas e manqueira do poldro; Ovos de gallinhas paduanas e polcas, Fecundação da vacca, Profissão de ferrador, Carroças e varaes, Cachexia acqnos de novilho, Figo da raniha da egua, Cólicas intestinaes do cavallo, de J. V. de Paula Nogueira.

SOMATOSE

Reconstituente de primeira ordem

O PARADOXO DO PODOR

Não me accusem de paradoxal por eu dizer uma verdade que parece um paradoxo. E' difficil convencer o publico de que o pudor, esse sentimento superior em cuja paleta se reúnem os matizes mais delicados, se baseia unicamente em convenções, ás vezes comprehensíveis e racionais, outras vezes absurdas e irracionais. E comtudo é o que se deduz muito claramente d'um ensaio interessantissimo, feito por um psychologo americano, Havelock Ellis, sobre o *Pudor*. Por si mesmo o pudor é um paradoxo. Mal como o entendemos, é um estado absolutamente contrario ao estado de innocencia, cujo papel pretende desempenhar, porque o pudor não pode existir sem o conhecimento do mal e de tudo quanto é impuro e offende justamente o pudor. Dizemos, por exemplo, e dizemos mal, que as creanças e os selvagens são impudicos por não se envergonharem de andar completamente nus, pois é essa a maior prova da sua innocencia porque não attribuem sentido algum lascivo a semelhante nudez, o seu olhar não é attrahido para qualquer parte especial do corpo.

Os Fueguinos, apesar de muito pudicos, andam sempre nus; o seu pudor revela-se justamente no contraste que ha entre o facto de se apresentarem nus, com a maior simplicidade, e a vergonha que sentem quando percebem que alguém está olhando attentamente para elles. E' o pudor instinctivo que se manifesta. Não ha, porem, no vocabulario fueguino um termo que signifique pudor; é tão geral o sentimento que nem dão por elle. Cada povo, cada terra e cada epoca teem formas convencionaes para o pudor, e o que acham natural n'um paiz, escandalisa n'outro. No seculo das *Preciosas ridiculas*, em França, e mais recentemente em Inglaterra, era escandaloso assoar o nariz e servir-se de lenço, a etiqueta da côrte não admitia que andasse gente defluxada. Certos povos, taes como os naturaes de Tachiti ficam muito incommodados quando os apanham a comer, não só os extranhos senão tambem as pessoas de familia; mães, filhos, irmãos, irmãs consideram pouco delicado o assistirem ás comidas uns dos outros; cada um procura comer ás escondidas.

Entre os Warrurs, cada um faz os gusados em separado e cobre a cara para beber.

Do mesmo modo e com respeito ás diferentes partes do corpo, cada povo forma uma ideia especial do pudor. Para o chinez jaz no pé e a mulher chineza é tão reservada para mostrar o pé quanto uma europeia para descobrir o seio. As mulheres arabes teem que esconder o rosto e sobretudo os olhos. Por isso o sr. Havelock Ellis que supõe que o pudor do corpo, que é o primeiro em apparece, nasce por reacção. Quando uma parte do corpo humano chama mais a attenção do que outra, trata-se de encobri-la.

As formas do pudor, nos povos modernos, não são menos convencionaes do que as dos povos primitivos e selvagens. Uma donzella e uma senhora não se envergonham de entrar n'um baile com os hombros e os braços nus, nem de passear nas praias com o bello solto e as peruas á mostra, e julgariam morrer de pejo, se as mesmas pessoas com quem estiveram conversando no baile e na praia as surpreendessem meio vestidas e por pentear.

O uso, a conveniencia e a moda é que mandam n'uma materia tão delicada como é o pudor. Entrar n'uma sala ou atravessar uma rua com traje de banho, fóra escandaloso, mas n'uma praia é tal o costume que ninguem se lembra de criticar, e na persuasão de que se não infringe lei alguma de etiqueta, impõe-se silencio á susceptibilidade instinctiva e pessoal do pudor.

Posso confirmar o facto por experiencia pessoal. Uma senhora, minha conhecida, esposa d'um diplomata, costumava assistir ás festas officiaes muito decotada.

Um dia, porem, em que fóra convidada para uma festa escolar, viu as mestras tão modestas e até pobremente vestidas que ficou toda

confusa, despeitada e com immensa vontade de chorar. Um cavalheiro, que viveu n'uma cidade da Italia meridional contou-me que as raparigas d'aquella terra só saem para ir á igreja; até lhes prohibem pôr-se á janella a não serem acompanhadas pela mãe. O mais curioso é que nas famílias da classe media não sentem a necessidade d'uma barraca para despir-se nem d'um fato de banho para tomar banhos de mar: despem-se na praia e vão para a agua com uma simples camisa. Na Sardenha as meninas da melhor sociedade fallam aos noivos e adoradores da janella abaixo. Os namorados trocam palavras de amor em voz bem alta, da rua para o quarto andar e como é costume, ninguém acha ridiculo.

Pode-se portanto deduzir d'estes exemplos que o pudor é um phenomeno inteiramente convencional, que se acha em relação com os usos e costumes do meio em que se vive.

Outra particularidade interessante que confirma o convencionalismo do pudor é que este e a timidez, que afinal é uma das suas formas, perdem do seu valor na escuridão, e que os myopes e cegos soffrem menos por causa do pudor que as pessoas de vista normal. O sr. Havelock Ellis observou, alem d'isso, um facto muito curioso: consta que certos povos selvagens tem uma linguagem especial para designar as coisas e objectos mais ou menos impuros sem offender o pudor. Se pensarmos bem, veremos que o mesmo acontece connosco, pois empregamos certas periphrases e expressões mais reservadas para indicar certas coisas que seria grosseiro chamar pelo nome. Assim dizemos: *Water-closet*, enfermidade gastro enterica, *demi mondaine*, etc., em vez dos nomes vulgares que lhes correspondem. D'este modo a terminologia tirada de outra lingua ou de termos scientificos e menos correntes, e menos correntes, é menos realista e brutal. E foi assim que o corpo vestiu o pudor que em summa é um sentimento convencional, mas muito util e estimavel, pois estabelece centros de inibição no campo moral e educativo.

Paris. *Cesare Lombroso.*

Tramways entre Faro e Villa Real

Com prazer damos aos nossos leitores a grata noticia de que muito brevemente são restabelecidos os tramways n.ºs 211 e 212, entre Faro e Villa Real, que tinham sido suprimidos em 15 de fevereiro ultimo.

Soubemos esta noticia por telegramma que nos foi directamente enviado ante-hontem de Lisboa, confirmado pelo seguinte officio hontem enviado á Camara Municipal de Tavira pelo conselho de administração dos caminhos de ferro do sul e sueste:

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que em vista das ponderações feitas na representação da Camara da digna presidencia de V. Ex.ª, submettida a este conselho pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Faro, este conselho resolveu em sessão de hontem, propôr o restabelecimento dos comboios tramways 211 e 212 até vigorar o novo horario de verão, resolução com que S. Ex.ª o ministro se conformou por despacho de hoje.

Devo porem ponderar a V. Ex.ª que a supressão dos referidos comboios foi determinada pela minima concorrencia de passageiros e que o seu restabelecimento representa sensivel encargo sem remuneração compensadora para esta administração.

Pelo presidente, o vogal da comissão executiva,
Augusto Cesar Justino Teixeira.

Por hoje só temos que applaudir o conselho de administração pelo restabelecimento dos tramways conforme o desejo publico. Pelo que respeita á segunda parte do officio, reservamos para o proximo numero as considerandos que ella nos motiva.

NOTICIAS PESSOAS

Fazem annos:
Hoje, 3 — D. Maria das Dores Aboim Azevedo Coutinho, D. Clara Sieuve Affonso Romero, Raymundo de Bulhão Pato.
Segunda 4 — Antonio Mareos Vieira Correia.
Terça, 5 — D. Jesuina Falcão Mello Trindade.
Quarta, 6 — José Correia Neves, dr. Affonso Costa, conselheiro Luiz Augusto Pimental Pinto, José d'Almeida Coelho de Bivar e a menina Maria Feliciano Judice Parreira.
Quinta, 7 — D. Eugenia Carneiro de Neiva, Carlos Fuzzeta.
Sexta, 8 — Justino Cumans de Bivar Weinholtz.
Sabbado, 9 — dr. João José Peres Ponce y Sanchez.

Regressou de Lisboa no domingo o sr. José Antonio da Silva

Partiram na segunda-feira para Lisboa, d'onde seguiram para Africa, o sr. dr. Primo Frazão, delegado da Corôa de Fazenda em Quelimane e sua esposa D. Adelaide Chaves Frazão.

Na zgreja matriz de Santa Maria do Castello, d'esta cidade, effectou-se no dia 28 de fevereiro, pelas 4 horas da tarde, o casamento do sr. João Antonio Cunha, pharmaceutico, d'esta cidade, com a sr.ª D. Josepha Garcia Marques, sympathica filha do sr. Sebastião Alvares Marques, acreditado commerciante de Silves. A noiva foi acompanhada á igreja pela sr.ª D. Antonia Lapa Marques, de Silves, e foram testemunhas do acto religioso os srs. José Alvares Marques, de Silves e tenente José Bernardo da Cruz Vizetto, de Tavira.

Estiveram na igreja assistindo á cerimonia as sr.ªs D. Sebastiana Garcia Marques, irmã da noiva, D. Antonia Rodrigues da Luz, D. Ludovina Graça, D. Anna Graça, Jacintho da Cunha Parreira e filhinha Maria Feliciano, Domingos Garcia Marques, irmão da noiva, Sebastião Alvares Marques e José Rodrigues Cunha.

Chegou a Tavira na quarta-feira e n'esse mesmo dia retirou para Lisboa o nosso patricio sr. Damião Contreiras.

Partiu para Lisboa no sabbado da semana passada o sr. dr. Virgilio Inglez, governador civil d'este districto. Regressou hontem.

Teve a sua «delivrance», dando á luz uma creança do sexo masculino, a esposa do sr. Augusto da Cruz Falcão.

Parte hoje para Evora, onde vae assistir ás conferencias sobre a 4.ª divisão militar, o alferes sr. Desiderio Venancio Peres.

Regressou do estrangeiro á sua casa de Albufeira o sr. Manoel Ramires.

Acompanhado de sua esposa e cunhada partiu hontem para Olhão o sr. Arthur Raphael.

Restabelecido de saude retirou de Olhão para Lisboa o sr. dr. Carlos Fuzzeta, deputado pelo Algarve.

Regressou a esta cidade o sr. Augusto Mimoso.

Teve ante-hontem a sua «delivrance», dando á luz uma creança do sexo masculino, a esposa do nosso collega de redacção sr. Antonio Santos.

MUZICA NO PASSEIO

Deve realisar-se, da 1 ás 3 horas da tarde, um concerto da banda regimental no passeio publico d'esta cidade, com o seguinte programma:

- 1.ª PARTE
Ordinario Pique Dame, sinfonia de Suppé.
Tosca, pot-pourri da opera, de Pussini.
Echantée, valsa de Berga.
2.ª PARTE
Rapsodia de cantos populares do Minho, de Moraes.
Celeste Vízão, Mazurka.
Hymno.

Classe de barbeiros

Na noite de quarta-feira reuniu a Associação de Classe de Barbeiros, d'esta cidade, resolvendo por unanimidade, mandar o seguinte telegramma ao sr. presidente do conselho de ministros:

Presidente do conselho de ministros. — Lisboa. — Lojistas barbeiros reunidos, pedem encerramento á segunda-feira, podendo trabalhar domingo.

Pela classe,
Sergio Augusto de Campos.

CARRIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas

no mez de março			
Dias	Horas	De Mertola	Dias Horas De Villa Real
4	5,55	manhã	5 3,11 » tarde
6	7,10	»	7 4,28 » manhã
8	8,59	»	9 7,09 » »
11	2,03	tarde	12 10,37 » »
13	3,30	»	14 12,04 » tarde
15	4,43	manhã	16 1,18 » »
18	6,26	»	19 2,59 » »
20	7,36	»	21 4, » manhã
22	9,14	»	23 6,15 » »
25	1,17	tarde	26 9,49 » »

A PROVINCIA

Faro

Por especial e captivante deferencia para com a Tuna Farense, a notavel actrizinha Elisabeth Pola, neta do grande actor, nosso saudoso amigo, Cesar Pola, prometeu vir tomar parte no attrahente sarau de 6 de março, aproveitando este ensejo de, antes da sua proxima partida para o Brazil, visitar pela primeira vez Faro, patria adoptiva de seu avô e a que elle dedicara o mais entranhado affecto.

A tuna dar-nos-ha a *premiere* da engraçada comedia *O commendador*.

N'essa noite effectuar-se ha a ultima e irrevogavel apresentação da *troupe* Rastemengall, que, sob a direcção do celebre artista Marins Micanjoff, exhibirá um programma absolutamente novo.

Tem sido grande a procura de camarotes para este brilhante festival, que começará, impreterivelmente, ás 8 horas e meia da noite.

Foi concedida licença de seis mezes ao sr. Annibal Valeriano Pinto Santos, despachante official na delegação aduaneira d'esta cidade, que no seu impedimento fica substituido pelo respectivo ajudante sr. José Maria Guieiro.

Já prestou juramento perante o presidente da Relação de Lisboa o sr. dr. Antonio Guerreiro Falleiro, juiz de direito n'esta comarca.

Partiu para Lisboa o sr. Antonio Pedro Leal.

No dia 25 de fevereiro partiu novamente para Lisboa o sr. conde do Cabo de Santa Maria.

No mesmo dia regressou á capital o sr. Joaquim Filippe Freire Pires.

Regressou de Lisboa no dia 26, deixando seu filho ali em tratamento, o capitão tenente da armada sr. Borja d'Araujo.

Acompanhado de sua familia regressou de Lisboa na quarta feira o sr. João Antonio Judice Fialho.

Regressou ante-hontem de Lisboa, para onde havia partido dias antes o sr. José Alexandre da Fonseca.

Na sexta feira esteve n'esta cidade, com sua esposa, mãe e irmã D. Francisca, o sr. Feliciano José Alves, de Olhão.

Chegou hontem d'Evora o coronel do estado maior d'engenheira sr. Joaquim Lucio Lobo.

Com o luzido ceremonial do costume e assistencia da banda regimental de infantaria 4, effectuouse na tarde de sexta-feira a procissão dos Passos.

Partiu no dia 25 de fevereiro ultimo para Lisboa, onde tenciona demorar alguns dias, o sr. dr. José Ribeiro Castanho, delegado do procurador regio na comarca de Extremoz.

Veio visitar sua prima D. Laura Esther Coelho da Conceição, a interessante menina Julia Xavier Dias, filha do major reformado Luiz Antonio Dias, de Tavira.

Passa melhor a sr.ª D. Maria Thereza de Carvalho e Costa Xavier, esposa do Antonio sr. Guimarães Xavier.

Continua melhorando o sr. José Baptista da Costa, 1.º aspirante de fazenda.

Lagos

Por parte de todas as corporações e habitantes d'esta cidade activam se as diligencias em coneguir a breve construcção do ramal de caminho de ferro de Portimão a esta cidade, melhoramento de capital importancia para toda esta parte do extremo barlavento da provincia.

A camara reuniu já extraordinariamente deliberando representar ao governo pedindo a referida construcção.

Assumiu o commando do districto de recrutamento e reserva n.º 17 o sr. tenente coronel Antonio Xavier do Crato.

Estiveram aqui em serviço de recenseamento de animaes e de carros os srs. major Pinto Bastos, capitão Oliveira Leitão e 1.º sargento Pereira.

—Tem estado aqui o sr. dr. Brak Lamy.

Portimão

Acia-se gravemente doente a sr.ª D. Anna da Gloria Nunes.

Tambem estão doentes, com gripe, o sr. Francisco da Paz Mendonça e gentil filha.

Consta que é no proximo dia 19 de março a arrematação, por um anno, do fornecimento dos medicamentos para o hospital da Santa Casa da Misericordia.

Villa Real

Acompanhado de sua esposa regressou de Loulé na segunda feira, quasi restabelecido de saude, o conhecido industrial sr. Francisco Rodrigues Tenorio.

Na terça feira estiveram aqui os srs. Arthur Mendes, Boal, Santos Viegas e Pina, engenheiros; Mello Garrido e Jacintho da Cunha Parreira.

Acompanhado de seu irmão sr. Domeciano Domingues partiu para Lisboa no dia 24 de fevereiro o sr. Francisco Mafaiquias Domingues.

Regressou de Lisboa o sr. Sebastião Garcia Birroso.

Está restabelecido o sr. Francisco Faria Tenorio.

Passa melhor do seu soffrimento a esposa do sr. Francisco Fernandes Piloto.

CERRAÇÃO DA VELHA

Tem logar na noite da proxima quarta feira a festividade da *Cerração da Velha*, de que é promotor o sr. João Antonio Bernardo Junior.

Dizem-nos que a procissão sai do Largo do Cano, ás 8 horas da noite, levando tres andores e 200 luzes, sendo acompanhada por uma das melhores philarmonicas da provincia.

PASSOS DE OLHÃO

E' hoje, de tarde, que se realisa em Olhão a afamada procissão de Passos que sempre faz attrahir aquella villa multissimos forasteiros.

Assiste a philarmonica *Namarraes*, d'esta cidade, que para ali partiu hontem á noite.

NECROLOGIA

Ao cabo de alguns mezes de mui penosos padecimentos cardiacos, finou-se terça feira á tarde, na sua vivenda situada a dois kilometros de distancia de Portimão, o nosso prezado amigo sr. Camillo Antonio de Azevedo, um dos proprietarios mais importantes e considerados do Algarve.

Era um caracter impolluto e em extremo bondoso, qualidades estas que lhe conquistaram a estima geral.

Militava no partido regenerador, a que prestou valiosos serviços, tendo sido um dos mais dedicados amigos politicos do saudoso visconde de Bivar.

Exerceu por diferentes vezes e sempre com muito zelo e competencia os cargos de administrador do concelho, presidente da camara municipal, provedor da santa casa da Misericordia e reitor da confraria dos Passos e, ultimamente, o de ministro da ordem terceira de São Francisco Xavier.

A's dez horas da noite, foi o corpo conduzido da casa de residencia do extinto para a igreja do collegio dos Camillos, sendo acompanhado por grande numero de pessoas, entre as quaes os srs. prior Antonio Joaquim Rodrigues, padre João Lopes de Macedo, Francisco de Bivar Weinholtz, Luiz de Azevedo Fialho de Alvellos, Antonio Pedro da Silva Martins, Jeronymo Negrão Buisel, José Pearce de Azevedo, Francisco Soares Netto, João José Monteiro Mascarenhas, Alberto Bento de Azevedo, João José Tavares, José Libanio Amado e José Barão.

Até á hora do sahimento do cadaver, que se realiso ás tres horas da tarde de quarta feira, foi este successivamente velado por tres turnos de amigos do fallecido.

Sobre o feretro foram depositas quatro lindissimas coroas, com de dicatorias, sendo a primeira de

violetas e rosas da paixão, offerecida pela camara Municipal, a segunda, de violetas e amores-perfeitos, pela sr.ª viscondessa de Bivar; a terceira, de violetas e um ramo de flores, pela sr.ª viuva Coelho e seus filhos, e a quarta, de violetas e palmas, pelas sr.ªs Anna da Conceição e Emilia da Encarnação.

No funeral, que foi uma cerimonia muito concorrida e imponente, incorporaram-se as irmandades da ordem terceira de São Francisco e da santa casa da Misericordia e confrarias dos Passos, Almas e Nossa Senhora do Rosario.

Para pegarem ás borlas do caixão organisaram-se dois turnos de convidados, sendo o primeiro constituido pe os srs. Bernardo Pargana Neves, Manuel Domingos Romero, João Jose Monteiro Mascarenhas, Francisco Antonio Mauricio, José Paulo Martins e Antonio Joaquim da Costa.

Fechavam o cortejo a vereação municipal, com o respectivo estandarte, e numerosos amigos do finado.

O cadaver ficou depositado no jazigo de familia do sr. Francisco de Bivar Weinholtz.

Acompanhamos a familia do extinto na profunda magua que a afflige.

Finou se na ilha de São Thomé, em 22 do corrente mez, o nosso patricio sr. Adelino da Fonseca Mendes, thesoureiro do Banco Nacional Ultramarino, na cidade da Praia.

O infeliz, cujas qualidades de coração e intelligencia o tornavam em extremo bemquisto de quantos o conheciam, contava apenas vinte e cinco annos de idade e era filho de Antonio Augusto Mendes, já fallecido, e da sr.ª D. Mathilde da Fonseca Mendes, irmã dos nossos patricios e queridos amigos srs. Manuel dos Santos Fonseca, antigo empregado do dito banco, e Antonio dos Santos Fonseca, major de infantaria em commissão no ministerio da guerra.

A sr.ª D. Mathilde da Fonseca Mendes e sua filha, sr.ª D. Ilda da Fonseca Mendes, encontram-se na maior consternação pela enorme perda que soffreram.

Associamo-nos, profundamente penalizados, á dor que punge a familia do desditoso rapaz.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

EDITAL

A comissão do recenseamento militar do concelho de Tavira

FAZ PUBLICO:

Que se acham affixadas nas portas das egrejas parochiaes d'este concelho as listas dos mancebos recenseados nas respectivas freguezias para o serviço militar do corrente anno, e bem assim que está patente na secretaria da camara o livro do mesmo recenseamento para ser examinado para os effeitos de qualquer reclamação.

Que as reclamações poderão ser apresentadas na secretaria da camara e da comissão até ao dia 31 de março, seguindo-se o processo determinado no regulamento de 24 de dezembro de 1901.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passa o presente edital e outros do mesmo theor que vão ser affixadas nos logares, do costume e publicado no jornal d'esta cidade.

Paço do Concelho de Tavira, 1 de março de 1907.

O Presidente,
João Possidonio Guerreiro.

CASAS

Vendem-se duas moradas de casas, uma na rua da Asseca onde esteve a ferraria, outra na estrada de Santa Catharina, que eram de Pedro Picanço.

Trata-se com Francisco Netto, em Santa Margarida. (18)

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hotéis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

CONCURSO

A Camara Municipal do Concelho de Tavira, superiormente auctorizada, faz publico que pelo espaço de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação do presente no *Diario do Governo*, se acha aberto concurso para o provimento do lugar de aferidor de pezos e medidas d'este concelho, com o ordenado annual de 72\$000 réis.

Os concorrentes deverão apresentar, dentro do referido prazo, na secretaria d'esta camara os seus requerimentos instruidos com os documentos legais.

Paços do concelho de Tavira, 28 de fevereiro de 1907.

O presidente,
26 João Possidonio Guerreiro.

1.º ANNUNCIO

PELO juizo de Direito da Comarca de Tavira e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de trinta dias a contar da publicação do segundo annuncio na folha official, citando o co-herdeiro Joaquim Vaz, casado, com Francisca da Conceição Cavaca, proprietarios, do sitio de Amaro Gonçalves, freguezia da Luz, ella; e elle residente em parte incerta, para todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua tia Theresza de Jesus, que residiu no sitio de Amaro Gonçalves, freguezia da Luz d'esta comarca, e em que é inventariante o irmão Antonio Luiz da Cruz, residente no dito sitio e freguezia, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Tavira, 25 de fevereiro de 1907.

Verifiquei:—J. Sereno.

O escrivão

Arthur Neves Raphael. (25)

2.º ANNUNCIO

NO juizo de direito d'esta comarca de Tavira e pelo cartorio do 1.º officio, foi proposta por D. Amelia Augusta Julia Ramalho Costa, que tambem em tempo usou do nome de D. Amelia Augusta Julia Ramalho, proprietaria, residente na freguezia de Santa Maria d'esta cidade, acção de separação de pessoas e bens contra seu marido Christino Manoel Ribeiro da Costa, capitão reformado do exercito, residente na cidade de Faro, o que se annuncia nos termos e para os efeitos do artigo 448 do Codigo de Processo Civil.

Tavira, 16 de fevereiro de 1907.

Verifiquei.—J. Sereno.

O escrivão,

José Joaquim Parreira Faria. 21-A

2.º ANNUNCIO

NO dia 3 de março proximo, pelas 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição d'esta cidade, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado a quem maior lance offerecer sobre 25\$000 réis, metade do seu valor, o direito a três decimas oitavas partes de uma fazenda no sitio de São Marcos, freguezia de Santa Maria d'esta cidade, que toda consta de terra de semear e mathosa, figueiras, oliveiras, albricoqueiros, um limoeiro, casas de moradia, ramada, palheiro, forno e chiqueiro, allodial. Este direito pertence a Manoel Fernandes Alqueive e mulher, do dito sitio, é vendido pela execução que contra elles e outro move José Rodrigues Pinheiro Centeno d'esta cidade, e é o que não teve lançador na praça de 17 do corrente annuncio por editaes e annuncios de 17 de janeiro ultimo. Pelo presente e nos termos do artigo 844 § 1.º do Codigo do Processo Civil, são citados quaesquer credores incertos.

Tavira, 18 de fevereiro de 1907.

Verifiquei:—J. Sereno.

O escrivão,

José Joaquim Parreira Faria. (22)

GRANDE LIQUIDAÇÃO

NA

PEROLA DE TAVIRA

Liquida-se um enorme saldo de fazendas em lã para vestidos, o que ha de mais chic em desenhos e cores; não encontrando o excellentissimo freguez em parte alguma desenhos eguaes, derivado ao exclusivo obtido.

Drapés, Chévrons, Meschados, Cheviotes e Amasonas etc., etc. por uns tão reduzidos preços, que o excellentissimo cliente terá occasião de ver todas as fazendas com o seu preço marcado de GRANDE LIQUIDAÇÃO.

SALDO ENORMISSIMO TUDO EXTRANGEIRO

Lindos e magnificos cortes para facto e fazendas diversas como casimiras, cheviotes, flannels, diagonaes, estambres e mais fazendas proprias para fato, tanto em preto como em côr; h um magnifico sortido e por preços sem rival.

Tambem se liquida um grande saldo de meltons para casa-cos de senhoras.

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

JOSÉ VIEGAS MANSINHO (21)

NOVA OURIVESARIA

EM FARO

Rua Tenente Valadim, 4, 6 e 6 A

(ONDE ESTEVE A OURIVESARIA AGUAS)

Este estabelecimento, que rivalisa com os melhores de Lisboa na abundancia do sortimento e no aprimorado gosto dos objectos, que expõe, tem sobre aquelles a vantagem de poder vender por preços incomparavelmente mais baratos. O seu proprietario, em correspondencia, ha dezenas de annos, com os melhores e principaes fabricantes do paiz, obtem por preços excepçionaes todo o genero de ourivesaria e é preferido para apresentação das novidades de melhor gosto e primor de trabalho.

A par de delicados objectos, enriquecidos com reluzentes brilhantes e outras pedras finas, encontra-se n'este estabelecimento o que ha de mais moderno em:

Adereços, pulseiras, brincos, chatelaines, collares, aneis, alfinetes, abotoaduras, berloques, medaihas, etc.; relógios de algibeira em ouro, prata e aço, para homem e senhora; relógios para cima de meza e parede e despertadores.

Em exposição permanente encontra-se tambem um sortimento completo de objectos proprios para brindes, recebidos directamente de Paris. Entre a grande variedade de objectos, veem-se valiosas salvas, palmatorias, argolas para guardanapos, bilheteiras, castões de prata cinzelada, guarda-joias em filigrana, estojos de costura, cigarreiras, phosphoreiras, cannetas, colheres, etc. etc., artigos estes que constituem a especialidade d'este estabelecimento.

Cordões e cadelas de ouro a peso

Compram-se, trocam-se e concertam-se objectos de ouro e prata.

João Lopes do Rosario, junior, & C.^a

508

CASA

Vende-se uma morada de casas na rua do Mau Foro, com o n.º 28 de policia. Trata-se com Francisco da Conceição Silva ou com Romão do Nascimento, ambos moradores em Santa Margarida. 20

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Universidade de Coimbra

Chegado de Lisboa encontra-se em Faro, onde se demora alguns dias, dando consulta em casa do seu amigo Silva Nogueira, Rua Castilho, 17, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, ou na residencia dos Ex.^{mos} clientes, quando avisado.

Tratamento de doencas da bocca e dos dentes. Extracções e operações com anesthesia local.

Especialidade em dentaduras artificiaes em ouro e vulcanite eapparelhos de correcção dos dentes e dos maxillares. 27

ALMANACK DAS SENHORAS

A 240 réis

ALMANACK ILLUSTRADO

A 150 réis

Almanack de Lembranças

A 320 réis

Vendem-se no estabelecimento de José Maria dos Santos, Tavira.

CASAS

Arrenda-se duas moradas, uma na rua da Galeria com frente para o rio; outra no Terreiro do Parguinho.

Trata-se com José Pedro Fernandes, Tavira. (24)

VENDE-SE

Uma arma nova de fogo central, um pequeno albardão novo, hespanhol e uma porção de cantaria nova. N'esta redacção se diz. (23)

OBRAS DE ASSIGNATURA

A CHAVE DA SCIENCIA

Ou a explicação dos principaes phenomenos da natureza

POR BREWER E MOIGNO

EM FASCICULOS A 100 RÉIS

A EXTREMADURA PORTUGUEZA

Primoroso estudo d'esta notavel provincia

POR ALBERTO PIMENTEL

Em fasciculos, a 60 réis; tomos, 300. Obra publicada no gosto do Minho Pittoresco.

AS OBRAS

DE

CAMILLO C. BRANCO

COLLECCÃO COMPLETA

Em volumes brochados ou encadernados em percalina

AS OBRAS COMPLETAS

DE

L. A. REBELLO DA SILVA

A 200 RÉIS O VOLUME MENSAL

Assigna-se no estabelecimento de

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

HORTA

Arrenda-se a horta da Bornacha em Cacella.

Quem pretender dirija-se ao alferes João Braz de Campos, d'esta cidade. (15)

Pesca de atum

Vende-se dez acções da companhia de pesca de atum de direito e revez «Cabo de Santa Maria e Ramalheira», na costa do Algarve.

Quem as pretender comprar, na totalidade, ou parcialmente, pode dirigir-se ao seu possuidor, Jacintho da Cunha Parreira, rua 1.º de Dezembro, n.º 50, Faro.



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se

de todo o trabalho pertencente

á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos,

espelhos, banheiras, ban-

cadas, marmores para

moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro